

A PROBLEMATIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM UM AMBIENTE DE REABILITAÇÃO SOCIAL

THE QUESTIONING OF GENDER AND SEXUALITY REPRESENTATIONS IN A SOCIAL REHABILITATION ENVIRONMENT

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p144-152

Resumo

O presente artigo objetiva investigar como se constituem as representações de gênero e sexualidade de jovens de uma comunidade de reabilitação social localizada no município de Campo Mourão - PR. Em razão da importância política e social dessa discussão levantamos a seguinte problematização: Como discutir gênero e sexualidade a fim de (re) pensar representações sociais em um ambiente de reabilitação social? Para tanto, foi aplicado um questionário e realizados três encontros com os jovens oriundos desta instituição no segundo semestre de 2013 como requisito parcial do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Com essa pesquisa, buscou-se questionar algumas representações de gênero e sexualidade observadas em suas falas, visando contribuir para a formação deles enquanto sujeitos que respeitem e reconheçam as diferenças.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; educação não formal.

Abstract

This paper aims to investigate which are the representations of gender and sexuality of adolescents in a social rehabilitation community of Campo Mourão municipality (PR-Brazil). Because of the political and social importance of this discussion was raised the following question: How discuss gender and sexuality in order to think social representations in a social rehabilitation environment? To this end, a questionnaire was administered and conducted three meetings with the young people from this institution in the second half of 2013 as a partial requirement of the final project of the Pedagogy course. With this research, we sought to question some representations of gender and sexuality observed in their speech, to contribute to training them as subjects that respect and recognize the differences.

Keywords: Gender; sexuality; Non- formal education.

Fabiane Freire França

Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão.

E-mail: prof.fabianefreire@gmail.com

Renata Santos

Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão.

E-mail: renata-santos.net@hotmail.com

Introdução

O presente artigo objetiva investigar como são produzidas as representações de gênero e sexualidade por jovens de uma comunidade de reabilitação social do município de Campo Mourão no Estado do Paraná. Em razão da importância política e social dessa discussão levantamos a seguinte problematização: Como discutir gênero e sexualidade a fim de (re) pensar representações sociais em um ambiente de reabilitação social? Para tanto, foram realizados três encontros com os jovens com o intuito de questionar algumas representações de gênero e sexualidade observadas em suas falas e contribuir para a formação de sujeitos que respeitem e reconheçam as diferenças.

O conceito de diferença é desenvolvido nesse texto com base nos Estudos Culturais, como algo que escapa do padrão considerado “normal”, ou seja, “tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque des-via, tira do rumo, leva à perda” (VEIGA-NETO, 2007: 75).

Este artigo provém da prática de estágio na modalidade não formal realizado no ano de 2013. A escolha deste tema é justificável devido às preocupações no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, questionando a necessidade de superação dos preconceitos e discriminações gerados por uma cultura que se apresenta como superior na sociedade humana: a cultura branca, heterossexual, androcêntrica, patriarcal e de classe média.

Ancoradas na vertente dos Estudos Culturais (SILVA, 2004) investigamos por meio de um questionário o que os jovens de uma comunidade de reabilitação social entendem sobre as relações de gênero e sexualidade. Mediante suas falas e respostas analisamos suas representações sobre a identidade de gênero e sexualidade. Posteriormente realizamos discussões referentes às suas respostas e explanamos algumas dúvidas que foram evidenciadas no momento de responder o questionário. Nesse sentido, analisamos as respostas dos jovens a fim de problematizar e desconstruir representações hegemônicas que acabam por marginalizar grupos vistos como minoritários na sociedade.

Partindo do princípio de (re) pensar os conceitos de gênero e sexualidade realizamos uma pesquisa com o intuito de discutir essa questão. Para compreender as representações dos jovens sobre os conceitos de gênero e sexualidade na vertente dos Estudos Culturais (SILVA, 2004; VEIGA-NETO, 2007) e na Teoria das Representações Sociais (JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2008; MOSCOVICI, 2011) realizamos uma intervenção por meio de um questionário e logo após uma discussão sobre tais conceitos.

É nessa perspectiva que entendemos a educação como “prática social que ocorre nas diversas instâncias da sociedade. Seu objetivo é a humanização dos homens/

mulheres, isto é, fazer dos seres humanos participantes dos frutos e da construção da civilização [...]” (PIMENTA, 1995: 84). Dito isto, reconhecemos a comunidade de reabilitação social como uma instituição propícia para a realização da pesquisa no âmbito de educação não formal.

Partimos da compreensão do estágio não formal como pesquisa, visto como uma “estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor” (PIMENTA; LIMA, 2004: 46). Reconhecemos a importância da pesquisa no campo acadêmico, dito isto, buscamos problematizar e (re) pensar algumas discussões de gênero e sexualidade, pois como menciona Pimenta e Lima (2004: 46) a pesquisa possibilita “compreender e problematizar as situações que observam”.

A Educação não formal e a pesquisa: ambiente de reabilitação social como campo de atuação

Entendemos que a educação não formal visa à formação para a cidadania (GOHN, 2009). De acordo com a autora, esta educação busca os seguintes requisitos: educação para a justiça social, para os direitos (humanos, sociais, políticos e culturais), para liberdade, igualdade, democracia, contra a discriminação, pelo exercício da cultura e pelas suas diferentes manifestações (GOHN, 2009). Além disso, mesmo que a educação não formal ocorra fora da escola, ela “é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal” (GADOTTI, 2005: 02).

Gohn (2006: 02) reitera que a educação não formal “[...] é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos e cotidianos”. Dessa forma, a educação se constrói coletivamente, por meio da interação dos sujeitos.

A aprendizagem na educação não formal se dá por meio da experiência em trabalhos coletivos, no qual o conhecimento é produzido por situações-problemas (GOHN, 2006). Partindo destes pressupostos, o presente artigo propôs um questionário com situações atreladas ao cotidiano dos jovens.

Buscamos por meio desta pesquisa atingir algumas das características da educação não formal citada por Maria da Glória Gohn (2006: 04) são elas:

[...] aprendizado quanto a diferenças - aprende-se a conviver com demais. Socializa-se o respeito mútuo; Adaptação do grupo a diferentes culturas, e o indivíduo ao outro, trabalha o “estranhamento”; Construção da identidade coletiva de um grupo; Balizamento de regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente.

Ressaltamos que a educação não formal ocorre “usualmente extramuros escolares, nas organizações

sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais” (GOHN, 2009: 28).

Baseada na ideia de Gadotti (2005), Gohn (2009) explica que a educação não formal:

[...] é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Seus programas, quando formulados, podem ter duração variável, a categoria espaço é tão importante quanto à categoria tempo, pois o tempo da aprendizagem é flexível, respeitando-se diferenças biológicas, culturais e históricas. A educação não formal está muito associada à ideia de cultura (GOHN, 2009: 32).

A educação não formal tem como uma de suas metas “[...] a transmissão de informação e formação política e sócio cultural [...]. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.” (GOHN, 2006: 03).

Por fim, concordamos com a concepção de educação abordada por Gohn (2006), em que é vista como “[...] promotora de mecanismos de inclusão social” visando o “acesso aos direitos de cidadania, que resgatem alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como o de civilidade, tolerância e respeito ao outro; [...]” (GOHN, 2006: 08), questões que puderam ser trabalhadas no contexto investigado.

Breve contexto da comunidade de reabilitação social

A comunidade de reabilitação social de Campo Mourão, em que foi realizado o estágio, é uma entidade não governamental sem fins lucrativos fundada em 19 de abril de 1998 por um grupo de pessoas que tinham objetivo comum de formar uma instituição que realizasse ações de prevenção e tratamento da dependência química, pois estavam preocupadas com a alta demanda de usuários de álcool e outras drogas no município, bem como com a inexistência de trabalhos neste sentido.

O Programa de Internamento para Jovens na sede urbana tem como público jovens, homens, entre 14 a 18 anos dependentes de álcool e/ou outras drogas. O tratamento tem como princípio básico, terapias fundamentadas na espiritualidade, trabalho e disciplina, e estudo dos doze passos dos narcóticos Anônimos com orientação individual e reuniões.

O tratamento não se utiliza de medicação, porém quando necessário à entidade viabiliza o atendimento médico e/ou profissional especializado bem como medicamentos para o interno. O programa de tratamento compreende o período de nove meses, composto de três fases distintas: Desintoxicação, Conscientização e Reinserção Social, sendo trabalhadas as dificuldades específicas de cada fase de modo que o residente busque

alcançar o equilíbrio emocional e consciência a respeito das regras do mundo social, mediante mudança de atitudes, do estilo de vida e conseqüentemente alcance ao controle da doença. Além disto, são oferecidas atividades como: Aulas de Circo, violão, informática, Programa Paraná Alfabetizado e Ioga.

A realização de trabalhos e pesquisas com esses jovens é necessária devido uma série de fatores, dentre eles, o processo de diálogo e receptividade para que se sintam acolhidos e possam ser ouvidos. Em pesquisa realizada com jovens considerados delinquentes, Adorno (1991) constatou que a escola é vista de maneira muito negativa por esses sujeitos, como um espaço que os exclui por não conseguirem aprender, por não terem voz, e perceberem sua cultura silenciada. É na rua que se sentem realizados, acolhidos e ouvidos.

Ao encontro dessa pesquisa Rosemberg (1995) assinala que no senso comum crianças pobres, que usam as ruas como *habitat*, são nomeadas como marginais, os meninos de ruas são vistos como delinquentes e as meninas como prostitutas. Curiosamente, ao nos depararmos com uma instituição que acolhe jovens dependentes químicos, que são também vistos por uma parcela da sociedade como delinquentes, observamos a ausência de meninas. Nesse sentido, a nossa pesquisa buscou compreender o que esses jovens têm a dizer sobre si, sobre as suas percepções de gênero e sexualidade, sobre a produção de suas identidades como meninos e homens e não como delinquentes.

Gênero, sexo e sexualidade: contribuição teórica ao ambiente de atuação

A partir do conhecimento que obtivemos de textos referentes à questão do gênero e da sexualidade é perceptível uma prática de discriminação e preconceitos observada na cultura e no contexto histórico da sociedade. Neste sentido, nos baseamos em autores como Louro (1997; 2007) Silva (2004) e Auad (2006) que compreendem o gênero e a sexualidade como uma construção social em que são problematizados os padrões atribuídos aos sujeitos, padrões de normalidade, maneiras de ser e de se comportar.

Ao analisarmos as questões referentes ao gênero como uma construção social, compreendemos que várias definições vistas como naturais são resultantes das relações de poder, que ao longo do tempo vão sendo caracterizadas cada vez mais como naturais, por serem praticadas e repetidas cotidianamente (AUAD, 2006). Ao estender a análise em relação à diferença entre gênero e sexo, abordamos que:

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino). As relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construído em que cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças

para cada um dos sexos (AUAD, 2006: 21).

O mesmo podemos dizer sobre a sexualidade, pois como expõe Tomaz Tadeu da Silva (2004: 106):

Não são as formas pelas quais aparecemos, pensamos, agimos como homem ou como mulher – nossa identidade de gênero – que são socialmente construídas, mas também as formas pelas quais vivemos nossa sexualidade. Tal como ocorre com a identidade de gênero, a identidade sexual não é definida simplesmente pela biologia. Ela tampouco tem qualquer coisa de fixo, estável, definitivo. A identidade sexual é também dependente da significação que lhe é dada: ela é tal como a identidade de gênero, uma construção social e cultural.

As sociedades que apresentam uma base judaica, por exemplo, reprovam as relações entre pessoas do mesmo sexo. Isso promove uma discriminação muitas vezes pela família e sociedade e conseqüentemente sofrimento aos “homossexuais”, que para não serem excluídos pela sociedade acabam escondendo sua atração/preferência sexual (BRANDÃO, SANTANA, 2011).

Brandão e Santana (2011) argumentam sobre a necessidade de manter o corpo em equilíbrio, em que a pessoa precisa de nutrição, não apenas biológica, mas “espiritual”, “psicoemocional”:

Para saciar a fome do corpo necessita-se comer alimentos ricos em energia, nutritivos; todavia, a fome intitulada “não corpo” (equivalente à fome da alma) é satisfeita através do “consumo” de gestos afetivos, decorrendo na satisfação do ego, entre outros atos que engrandecem ou felicitem (BRANDÃO, SANTANA, 2011: 169).

Caso não haja a saciedade dessas “fomes” o sujeito pode ter doenças psíquicas, como depressão ou a morte, através do suicídio. O resultado de tudo isso é o conflito ocasionado pelas pessoas que criticam os sujeitos (pobres, negros, mulheres, homossexuais) que buscam o seu reconhecimento como seres humanos (BRANDÃO, SANTANA, 2011).

Baseamo-nos na teoria das representações sociais ao ressaltar que estas “[...] nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (JODELET, 2001: 17). A autora define que “a representação social tem como objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito” (JODELET, 2001: 27).

Sandra Jovchelovitch (2008) define representação como um processo da vida humana que abrange o desenvolvimento do indivíduo, da sociedade e da cultura. No entanto, para a autora, o conceito tradicional de representação está ancorado em um modelo dualista de sujeito e objeto. É neste sentido, que tanto a Teoria das Representações Sociais quanto os Estudos Culturais nos abrem possibilidades para problematizar os espaços binários, fixos e dualistas. “Modelos dualistas, baseados em uma visão cartesiana da mente, consideram o processo de representação como um ato mental, em que, para conhecer o objeto, o sujeito processa a informação que deste lhe é apresentada” (JOVCHELOVITCH, 2008: 45).

Ao encontro desse pressuposto, “a teoria das representações, posta numa perspectiva diacrônica, revela a mobilidade das construções da alteridade, delegando seu conteúdo negativo e sinalizando seus mecanismos como inerentes ao tratamento da diferença (ARRUDA, 1998: 40). É esse o sentido da diferença que propomos trazer à tona, colocar o estranho em cena, apresentar as representações de jovens marginalizados sobre temáticas pouco discutidas: gênero e sexualidade.

Propomos com base na teoria das representações sociais que “pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam” (MOSCOVICI, 2011: 43). Foram essas lentes que selecionamos para os caminhos da pesquisa que são detalhados na sequência.

Metodologia da pesquisa

Partindo do princípio de (re) pensar os conceitos de gênero e sexualidade realizamos a pesquisa no segundo semestre de 2013, como parte do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, com o intuito de discutir essa questão. Para compreender as representações dos jovens investigados sobre os conceitos de gênero e sexualidade na vertente dos Estudos Culturais (SILVA, 2004) e na Teoria das Representações Sociais (JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2008; MOSCOVICI, 2011) desenvolvemos uma intervenção por meio de um questionário e logo após uma discussão sobre tais conceitos.

É por meio de representações sociais que construímos nossos pontos de vistas, nossas crenças e atitudes na sociedade. Antes mesmo de nascermos somos construídos diante de representações que se produzem de acordo com o nosso sexo e gênero. Com isso as representações referem-se aos valores e percepções da sociedade que são vistas como naturais e estáveis. Dessa forma,

Representações são construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando,

portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais. Nessa medida, elas representam uma forma particular de construção do objeto e estão constantemente em relação com outras representações que representam outros sujeitos e outros lugares sociais (JOVCHELOVITCH, 1998: 77).

Com o intento de compreender a produção das representações dos jovens sobre gênero e sexualidade, em um primeiro momento, realizamos uma conversa informal com o grupo para de averiguar seu entendimento sobre o assunto. Para que assim pudessemos dar continuidade a nossa pesquisa. Ao todo foram cinco jovens que participaram da pesquisa, de 16 e 17 anos de idade e um monitor de 44 anos de idade.

Optamos pelo questionário como ferramenta para gerar dados, como nos afirma Parasuraman (1991, apud CHAGAS, 2000: 01) um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos da pesquisa. Ao elaborar as perguntas do questionário estas podem “[...] tentar verificar fatos, crenças quanto a fatos, crenças quanto a sentimentos, descoberta de padrões de ação e de comportamento presente ou passado” (CHAGAS, 2000: 04).

No questionário foram propostas perguntas abertas, pois “[...] os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas” (CHAGAS, 2000: 06). Convém mencionarmos as principais vantagens em optar por um questionário com perguntas abertas, tais como: “[...] permitem avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas, cobrem pontos além das questões fechadas, proporcionam comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as perguntas com respostas fechadas” (MATTAR, 1994 apud CHAGAS, 2000: 07).

O questionário foi composto por um roteiro de questões relacionadas a gênero e sexualidade, com o intuito de averiguar quais as representações dos jovens sobre o assunto pesquisado. Os jovens responderam o questionário e suas respostas foram transcritas na íntegra para discussão e análise dos dados. A pesquisa realizada com os jovens trouxe grandes discussões referentes às relações de gênero e sexualidade e podemos refletir e repensar sobre tais conceitos.

As perguntas do questionário¹ foram selecionadas a fim de verificar as representações desses jovens, no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, dito isto, as perguntas se pautaram em verificar: o sexo, gênero, sexualidade, violência(s) que presenciou e que praticou contra alguém de determinado gênero ou orientação sexual diferente da deles, se aprendeu algo sobre feminino e masculino na escola, sobre orientação sexual,

homossexualidade e heterossexualidade, vantagens e desvantagens de ser homem/mulher, comportamentos para cada sexo, formação do homem e da mulher na sociedade (BRASIL, 2007).

Análise dos dados

A pesquisa buscou verificar as representações de gênero e sexualidade pelos jovens de uma comunidade de reabilitação de Campo Mourão-PR, para isso questionamos qual o sexo, o gênero e a sexualidade dos sujeitos da pesquisa. Obtivemos as seguintes repostas:

Quadro 1: Respostas dos jovens sobre seu sexo, gênero e sexualidade

Jovens	Sexo	Gênero	Sexualidade
01	Masculino	Não respondeu	Heterossexualidade
02	Masculino	Não respondeu	Heterossexualidade
03	Masculino	Não respondeu	Mulher
04	Masculino	Não respondeu	Não respondeu
05	Masculino	Não respondeu	Não respondeu
06	Masculino	Heterossexualidade	Não respondeu

Fonte: as pesquisadoras

Como podemos verificar os jovens definiram sexo de forma padrão e tiveram dificuldades em responder as categorias de gênero e sexualidade. Após estas respostas constatamos a necessidade de maiores discussões com os jovens sobre esses conceitos. Nesse sentido, a cada resposta dada por eles realizamos uma conversa com o intuito de explanar dúvidas, problematizar e desconstruir representações vistas como únicas e verdadeiras.

Para argumentar sobre os conceitos de gênero, sexo e sexualidade nos baseamos em Auad (2006) que considera o gênero como representações do feminino e do masculino, estas que são socialmente construídas, vistas e praticadas como naturais, e em Heiborn, Araújo e Barreto (2010) que definem o sexo como:

[...] ser biologicamente macho ou fêmea - ter os órgãos genitais e as capacidades reprodutivas apropriadas a cada sexo. [...] sexualidade: ter uma predisposição inata para a orientação sexual – eleger, necessariamente, pessoas do ‘sexo oposto’ como objetos de desejo e parceiros de afeto.

Desta forma, consideramos à sexualidade também como (SILVA, 2004: 105) uma construção social. Pois não são apenas as relações e identidade de gênero que são construídas, mas também a maneira como vivemos a nossa sexualidade (SILVA, 2004: 105).

Acreditamos que a sexualidade não é genética, ao mesmo tempo não é algo que se adquire ou se ensina pelo contexto social, mas envolvem sentimentos, desejos. Com isso, são múltiplas as formas de viver e sentir a sexualidade

¹ O Roteiro das questões aplicadas está disponível em anexo.

e não há uma regra definida que homens devem se relacionar com mulheres e vice-versa, há diversas formas de viver e sentir a sexualidade. No entanto, os discursos trazidos pela sociedade, escola, família, literatura e outros meios buscam normatizar a sexualidade, compreendendo que sexo, gênero e sexualidade devem seguir uma ordem, fêmea/mulher, feminina e heterossexual ou macho/homem, masculino e heterossexual, e quando os sujeitos não se identificam com esta norma de alguma maneira sofrem preconceito (LOURO, 2007).

Ao perguntarmos sobre alguma violência que praticou contra alguém por ser de um determinado gênero ou ter uma orientação sexual diferente da sua o jovem 01, relata: “*eu já ofendi uns viado, porque us cara nasce homem e quer ser mulher*”².

As “atitudes de cunho negativo, como repulsa ou exclusão” aos homossexuais é conceituada como homofobia. Ao nascer, à pessoa já se encontra inserida num grupo social, que possui conceitos construídos ao longo do tempo, sendo o preconceito incluso nessas construções. Quando o sujeito cresce num contexto de preconceitos e discriminação em relação à homossexualidade, conseqüentemente fará parte do seu comportamento a exclusão de quem tem atração pelo mesmo sexo (BRANDÃO, SANTANA, 2011).

Ampliando a discussão da homofobia temos:

Primeiramente, esclareça-se que o termo “homofobia” não pode ser limitado a uma visão reducionista: “homossexualidade + fobia” (isto é, como aversão a homossexuais). Homofobia se marca pela rejeição ou negação – em múltiplas esferas, materiais e simbólicas – da coexistência, como iguais, com seres afetivo-sexuais que diferem do modelo sexual dominante. Violência não se dá apenas de forma física, mas igualmente em discursos que não reconheçam (BAHIA, A. G. M. F., 2012: 01).

Neste sentido, é preciso refletir sobre a importância de combate a homofobia, para isso, deve-se repensar e desconstruir certos comportamentos que fazem parte da nossa cultura, enfatizando os direitos e a liberdade tanto para heterossexuais, quanto para homossexuais.

Além do termo pejorativo utilizado pelo jovem, convém observarmos a compreensão que ele teve em relação à sexualidade, argumentando que a pessoa nasce homem e quer ser mulher, no entanto, como já mencionado a sexualidade não é não se adquire, pois envolvem sentimentos, atração, desejos. Como Guacira Lopes Louro (1997) ressalta:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais [...]. O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na

dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (1997: 27).

Em relação à escola, questionamos se eles haviam aprendido algo sobre feminino ou masculino neste espaço. O jovem 01 respondeu que sim, “*sobre gravidez e doenças*”. Já o jovem 03 apontou: “*eu aprendi que brincar de boneca e casinha é coisa de menina*”. Ressaltamos que o brincar ativa as relações de gênero, em que as representações de meninos e meninas se tornam presentes (AUAD, 2006). No entanto, não são as práticas do brincar, que irão determinar a orientação sexual de uma pessoa, pois, “os brinquedos infantis estão relacionados com o aprendizado específico de habilidades, com a socialização e com a imitação de atividades humanas adultas” (FURLANI, 2009: 46).

Outro enfoque destacado pelos jovens foi o aprendizado de feminino/masculino relacionado com o corpo: “*aprendi sobre os órgãos genitais*” (jovem 05). Relatamos que as discussões de gênero, sexualidade são recentes no ambiente escolar, especificamente no Brasil estas discussões pautaram em meados da década de 1980. Assim, quando estes temas apareciam no currículo ficavam restritos às áreas de Ciências (BRASIL, 2007). Desta forma, a escola precisa trabalhar sobre o respeito e reconhecimento da diversidade humana (FURLANI, 2009), discutir as relações de gênero e de sexualidade, visando desconstruir e superar certas representações que acabam criando padrões de gênero e sexualidade.

Dando continuidade a pergunta anterior, questionamos também sobre: o que determina a orientação sexual de uma pessoa? Seria uma opção ou uma orientação sobre a qual não se tem controle? Algumas das respostas foram: “*fauta de vergonha na cara*” (jovem 01); “*é uma opissão que cabe a cada um escolher*” (jovem 04); “*vai da pessoa, ela escolhe*” (jovem 06). Os demais jovens não responderam. O preconceito e a falta de conhecimento sobre o assunto ficam evidentes na primeira resposta, e quando os jovens 04 e 06 afirmaram a orientação sexual como uma escolha, enfatizamos:

[...] quando uma pessoa opta por algo, ela faz uma escolha entre várias ou, no mínimo, entre duas possibilidades. As pessoas com orientação homossexual não optam por se apaixonar e se relacionar intimamente com pessoas do mesmo sexo. Em primeiro lugar porque se pudessem, provavelmente, não optariam por ser alvo de ações, comentários ou olhares preconceituosos e discriminatórios, uma vê que a regra dominante é a heterossexualidade. Em

² As falas dos alunos foram utilizadas conforme o questionário, sem correções gramaticais.

segundo lugar, porque o desejo afetivo-sexual dessa pessoa é orientado a pessoa do mesmo sexo, assim como ocorre a heterossexualidade, em que o desejo afetivo-sexual da pessoa é orientado a pessoa do sexo oposto (SANTOS, ARAUJO, 2009: 18).

Questionamos o que seria Homossexualidade e Heterossexualidade, as respostas da maioria dos jovens (01, 03, 04 e 06) se aproximaram. Citamos a resposta do jovem 06: “*homossexualidade quem gosta do mesmo sexo, heterossexualidade quem gosta do sexo oposto*”. O jovem 05 expôs que: “*homossexualidade é quem gosta do sequistro oposto, heterossexualidade é gay*”.

A primeira vez que o termo homossexualidade surgiu foi em 1869. No início dos anos 70, a homossexualidade era considerada como doença mental, “provocada por uma perturbação do desenvolvimento humano psicossocial”. Atualmente, pesquisas são realizadas “para descobrir a causa da “preferência” do ser humano de um determinado sexo por outro ser do mesmo sexo” (BRANDÃO, SANTANA, 2011: 168).

Em relação a esses termos abordamos que “atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo” e heterossexualidade “o desejo afetivo-sexual da pessoa é orientado a pessoas do sexo oposto” (SANTOS; ARAUJO, 2009: 18, 19).

Quando questionamos se existem vantagens e desvantagens de ser homem/mulher o jovem 06 pontuou que: “*homem tem que ser machista, mulher tem que ser fresca sensível*”. A partir desta resposta ressaltamos que no contexto histórico e social “o feminino é associado, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem” (AUAD, 2006: 22).

Ao questionarmos como a sociedade atual mostra a formação do homem e da mulher, o jovem 04 respondeu: “*na sociedade o homem tem que trabalhar e sustentar a família e a mulher cuidando dos filhos*”. Entendemos que no decorrer da história há desigualdades no acesso a educação, em que algumas atividades são consideradas masculinas e outras femininas, isso se estende nas profissões, no qual, algumas são consideradas masculinas não podendo ser ocupada por mulheres (SILVA, 2004). Além disso, as mulheres foram consideradas responsáveis pelo lar, espaço privado, e os homens associados ao espaço público, sendo eles os responsáveis pelo sustento da família e as mulheres pela educação e cuidado dos filhos. Algumas mudanças estão ocorrendo na sociedade, mas as mulheres mesmo ocupando cargos considerados masculinos e ocupando espaço público, é menos valorizada pela simples “condição” de ser mulher, por ser considerada menos capaz.

Diante destas abordagens afirmamos a importância de tais discussões e como são necessárias para que os

sujeitos repensem suas representações sociais de gênero e sexualidade.

Considerações finais

Discussões como estas são relevantes em todas as instituições, pois cotidianamente produzimos e reproduzimos representações de sexo, gênero e sexualidade. Ao verificarmos as respostas dadas pelos jovens ressaltamos a importância de discussões como estas, pois como identificado na pesquisa os jovens não tinham conhecimento e apresentaram respostas confusas sobre muitos conceitos relacionados ao sexo, gênero e a sexualidade.

A falta de conhecimentos de tais discussões pode promover a discriminação e preconceito com grupos considerados minoritários e diferentes do padrão construído socialmente. Diante disso, reafirmamos a importância de trabalhar com as relações de gênero e sexualidade em todo contexto social, a fim de romper com certas representações que estão carregadas de preconceito e desigualdades.

Por isso consideramos a prática de estágio um ambiente favorável para a realização da pesquisa sobre esta temática, pois tendo em vista a atual conjuntura social e os resultados da pesquisa, reforçamos que discussões como essas comprovam a necessidade da utilização de maiores debates acerca de gênero e sexualidade em todas as instituições sociais.

Referências

- ADORNO, Sergio.(1991). “O sistema penitenciário no Brasil”: problemas e desafios. *Revista USP*. São Paulo, 9: 65-78, mar./mai.
- ARRUDA, Angela. (1998).O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro In: ARRUDA, Angela (Org.). *Representando a alteridade*. 1. ed. Petrópolis: Vozes,p. 17-46.
- AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAHIA, A. G. M. F. *Homofobia no Brasil: resoluções internacionais e a Constituição de 1988*. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/21999/homofobia-no-brasil-resolucoes-internacionais-e-a-constituicao-de-1988>>. Acesso dia: 28 maio 2015.
- BRANDÃO, P. F; SANTANA, T. *O “kit gay”: na saúde e na educação um kit de polêmicas*. 2012. Disponível em: < http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/14_Tereza e Paula II - O Kit Gay Na Saúde e na Educação um kit de polemicas.pdf >. Acesso dia: 28 maio 2015.

- BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Cadernos Secad 4. *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*, Brasília: SECAD, 2007.
- CHAGAS. A. T. R. *O Questionário na pesquisa científica*. Administração on line. Volume 1, janeiro/fevereiro/março, 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm>. Acesso dia: 18 out. 2013.
- FURLANI, Jimena. *Encarar o desafio da educação sexual na escola*. In: Sexualidade/ Secretaria do Estado da Educação: SEED – Pr, 2009
- GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal/não formal*. Institut International des droits de l' enfant (IDE): Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal na pedagogia social*. An.1 Congr. Intern. Pedagogia Social, Mar. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 02 abr. 2013.
- GOHN, Maria da Glória.(2009). Educação não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. *Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.
- HEIBORN, Maria Luiza, ARAÚJO, Leila, BARRETO, Andreia (Orgs). *Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça | GPP – GeR: módulo II*. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.
- JODELET, Denise. *As representações sociais*. Tradução Lilian Ulup, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITH, S. Re(des)coabrindo o outro – para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social).
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigação em psicologia social*; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?* 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004. (coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).
- ROSEMBERG, Fulvia. (1995). Crianças e adolescentes em situação de rua: do discurso à realidade. In: Reis, E.; Tavares de Almeida, M.H.; Fry, P. (orgs.). *Pluralismo, espaço social e pesquisa*. São Paulo: ANPOCS; Hucitec, p. 23-44.
- SANTOS, Dayana B. C. dos S.; ARAUJO, Débora C. *Sexualidades e Gêneros: Questões Introdutórias*. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Anexo

Questionário:

Qual é seu:

Sexo:

Gênero:

Sexualidade:

Idade:

Escreva uma violência que presenciou ou sofreu, de acordo com as seguintes características:

Violência que presenciei contra uma pessoa não heterossexual.

Violência que pratiquei contra alguém por ser de um determinado gênero ou ter uma orientação sexual diferente da minha.

Você aprendeu algo sobre o masculino e sobre o feminino na escola? Como?

O que determina a orientação sexual de uma pessoa? É uma opção ou uma orientação sobre a qual não se tem controle? Em sua opinião o que é homossexualidade? E heterossexualidade?

Existem vantagens e desvantagens de ser homem/mulher? Por quê?

Em sua opinião, existem comportamentos destinados para cada sexo? Por quê?

Em sua opinião, como a sociedade atual mostra a formação do homem e da mulher? Por quê?

O que é ser homem? O que é ser mulher?

Recebido em 10/04/2015 e aceito em 30/06/2015.